TL 1329-47

V JORNADAS DE TIMOR

TIMOR E A AUTOSUFICIÊNCIA ALIMENTAR

Por: Luis Cardoso
Engenheiro Silvicultor

Tem sido dito e levantado suspeitas a questão da autosuficiência alimentar em Timor - Leste. Não raras vezes, escondendo intenções subrepticias afirma-se que a autodeterminação é condicionada pela capacidade que um país tem de se ser autosuficiente. Perguntar-se-á se um povo cuja herança dos seus antepassados é um pedaço de terra onde a areia e as pedras rangem sob o sol quente deverá ser eternamente subjugado e resignando-se à sua sorte, aceita o concubinato com um protector que em troca lhe oferece garantias de subsistência. Ou a vontade que emerge dos povos em se autodeterminarem será sempre condicionada por uma fatia de terra produzindo mais ou menos arroz? Sabendo que o continuo desgaste da capacidade produtiva das terras pela erosão dos solos, primeiro pela incúria dos governantes das potências administrantes que até aí se mostravam apenas interessados nas espécies florestais e agrícolas de valor único e segundo por os organismos internacionais não assumirem correctamente a responsabilidade, que a fome e a incapacidade de produzir alimentos dos povos do sul é o resultado de políticas implementadas ao longo de décadas e talvez com alguma crueza de alguma acção propositada. Então o presuposto é falso: a autodeterminação é apenas resultante da capacidade que um povo tem de se resolver como tal e a autosuficiência será o resultado da sua vontade e que na posse do seu destino pode accionar mecanismos para subsistir como povo.

Lains e Silva no seu livro "Timor e a cultura do café" esboça a importância que teve para a economia do território de dois produtos especificamente adestritos a essa ilha, o sândalo e o café. Primeiro, foi o ciclo do sándalo, a descoberta, o apogeu e o declínio. Foi o império do lenho salutífero e cheiroso. Depois, o café. A problemática do sândalo traduz as razões por mim apontadas no inicio do texto. O desbaste indiscriminado e a procura voraz dessa preciosidade levou ao desaparecimento desta espécie sem nenhum esforço que fizesse a sua reposição e concomitantemente a ausência duma política florestal que pudesse salvaguardar as florestas tropicais pujantes. A introdução do café foi uma benção na medida em que se adaptou duma forma exemplar às condições ambientais locais, criándo-se um produto com uma especificidade única. A tentativa do lucro imediato e em grande proporções, excedeu o cuidado de fazer um estudo da capacidade dos solos e condicionalismos ambientais propícios à implantação da espécie. Assim em certas regiões do território o cultivo do café apenas resultou em árvores que mais pareciam espectr ou entes sobrenaturais sem atingir a capacidade produtiva desejada.

1/...

Timor é uma terra com excelentes condições para o cultivo do café. Mas não deve ser uma terra exclusiva para tal cultura. Estaríamos então no mesmo rumo do país das bananas. Creio que é a sua especificidade que fará relançar o produto no mercado já totalmente inundado e excessivo com o café oriundo de outras proveniências.

Qualquer plano que neste momento se apresente relativamente ao futuro desenvolvimento de Timor deverá ter em conta que país resultará do actual processo. Perspectivar Timor sem que se torne realidade qualquer situação de facto, pois que compromissos posteriores anulariam facilmente cálculos mais optimistas ou pessimistas. Por isso o presente texto não é mais do que uma simples simulação.

Que Timor resultará do estado actual? Como se definiria então o país ocupante? Em jeito do que se passou nas guerras de libertação arrumaria positivamente as suas armas e bagagens e regressaria em definitivo para as suas possesões anteriores? Ou numa atitude colaborante para sanar as feridas e desavênças, daria a mão para a reconstrução do novo país? Só após terem sido respondidas estas e outras questões então se poderá elaborar planos mais concretos.

Terá Timor possibilidade de per si alimentar a sua população?

Para responder a esta questão não queria deixar de formular outras três que me levantarão pistas para melhor explanar a minha resposta.

1.- Quais serão em termos concretos, os danos ecológicos provocados pela guerra?
2.- Que estructura agrária apresenta então Timor?
3.- Como se encontra distribuida a população pelo território?

1.) A guerra por ela própria acarreta danos ecológicos profundos.

1.a.) A destruição das florestas como forma de controlar a população aumenta o panorama cada vez mais desértico do estado actual do território com a consequente erosão dos solos, diminuição das terras cultiváveis e exterminação de espécies cinegéticas que embora tidas em pouca consideração, constituem reservas alimentares das populações limítrofes das florestas.

.../2

1.b.) A colocação das populações em zonas com solos erosinados faz com que estes locais de concentração, chamados "aldeias estratégicas" sejam consideradas como futuras áreas sem possibilidade de aproveitamento agrícola.

1.c.) O traçado de estradas sem ter em conta qualquer perspectiva de desenvolvimento regional ou agrícola, senão em função das operações militares põe em causa a fragilidade do equilibrio natural das áreas atravessadas e contribui para o desfasamento de terras na época das chuvas.

1.d.) A super exploração de terras com a fixação de alguns transmigrantes em projectos agrícolas, mais com a finalidade de ser um serviço de propaganda que a real produção de alimentos e com a importação de tecnologia sem ter em conta de facto as reais capacidades das terras.

1.e.) A delapidação de produtos florestais de maior valia sem que se tenha um projecto de reflorestação, conduz a uma menor diversidade de espécies florestais e empobreçe as populações locais dos seus bens de troca.

1.f.) A introdução extensiva da cana sacarina ou outros cultivares esgotantes em zonas anteriormente abandonadas ao pousio, como seja em Lospalos, só tendo em conta, o lucro sazonal das empresas dos generais, conduz ao esgotamento dos solos, à desertificação e dificuldade de regeneração dos povoamentos naturais.

2.) Como em qualquer país ocupado e quando a população reage em confronto sangrento com o ocupante, este recorre a todos os meios para a pacificar. Nada melhor do que começar a expropiar-lhe os meios com que se alimenta. A população de Timor ve-se reduzida da actividade principal do seu dia a dia, a uma mera recolha de produtos para a sua alimentação. Assim as terras aráveis encontran-se nas mãos de transmigrantes indonésios ou abandonadas pelo efeito das deslocações em massa para as aldeias estratégicas.

3.) Como se disse em 2.) o grosso da população ou se encontra nas grandes cidades e vilas ou nas aldeias estratégicas.

.../3

Então, finda a guerra, o regresso dos camponeses às suas terras e às actividades anteriores entretanto abandonadas, deparar-se-ão com extremas dificuldades. Primeiro com a destruição do seu habitat, a delapidação dos bens e depois o regresso a uma actividade com a precariedade dos meios e o desgaste das terras. Uma vez que as áreas ocupadas pelos transmigrantes ou são tão devestadas pela imperícia desses agricultores forçados ou produtivas pela necessidade de forçar uma imagem, ter-se-á que recorrer no inicio à importação do arroz para alimentar a população. Segundo Mayer, Timor pode ser uma terra de arroz e pode produzir arroz para alimentar a sua população. Certamente o autor destas palavras tomou em conta a capacidade produtiva de certas áreas de Timor, fundamentalmente as planícies costeiras irrigadas ou vales do interior como do Gleno.

Será que o panorama se manterá após estes anos de ocupação indonesia? Seja qual for a solução encontrada para o problema político, no inicio, será o vizinho o fornecedor do arroz. Timor para poder ser autosuficiente terá que produzir a mesma quantidade a um preço inferior ao do que importa. Porque senão terá que importar arroz limitándo-se então o território como contrapartida à produção de bens florestais de valor único, como seja o sândalo ou o café. Por um lado contribui para que a problemática da extinção do sândalo leve as entidades competentes a agirem no sentido de projectar uma política de reflorestação do território e por outro a valorizar certas áreas especificas com implantação de espécies com maior valor comercial. Deste modo as populações locais poderão usufruir num futuro não muito longo, rendimentos constantes e anuais superiores aos realizados pela paupérrima agricultura itenerante. Assim defende-se a terra da erosão limitándo-se a agricultura caseira e o pastoreio aos vales e zonas baixas. Então como se faria a fixação das populações costeiras habituadas às lides agrícolas? Deixarão de produzir e abandonarão as terras? Voltando à questão inicial e recorrendo mais uma vez à afirmação de Mayer, Timor poderá ser uma terra de arroz. O grande desafio residerá em produzir mais barato daquilo que poderá importar, socorrendo-se da introdução de variedades mais produtivas como seja o IR8 já experimentado em Timor e com produtividade largamente comprovada.

O cultivo do café embora aumente a cobertura florestal ter-se-á que se cingir às zonas onde se possa extrair eficazmente o duplo efeito (qualidade/ /produtividade) tendo em conta a flutuação dos preços e concorrência deste produto no mercado internacional.

Timor, para que seja autosuficiente, terá que equacionar correctamente as potencialidades humanas e agrícolas. Timor teve sempre um povo que vive da floresta. Pela forma correcta e desastrosa como a usufrui. Pela forma como a sacriliza e a adultera.

.../4

Pela forma como a destroi e a fecunda com o milho que nem lhe dá para a subsistência. Direi que a subsistência de Timor passa pelo investimento que se fizer na especificidade dos seus produtos florestais únicos, e assumida essa concepção, far-se-á a reflorestação do território que vise o combate à erosão e sirva para a correcção do regime torrencial que favoreça o cultivo do arroz nas baixas planícies. Tudo dependerá da vontade política e da capacidade dos seus governantes.

.../5